

**Escrevivência: o retrato da solidão da mulher negra
em *Natalina Soledad*, de Conceição Evaristo**
*Writing: the portrait of black women's loneliness
in *Natalina Soledad*, by Conceição Evaristo*

Crislayne de França SOUZA¹
Nelma Menezes Soares de AZEVÊDO²

Resumo: Este trabalho aborda a solidão da mulher negra e possui como recorte as relações afetivo-familiares da protagonista Natalina Soledad, no conto homônimo, publicado no livro *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), de Conceição Evaristo, através do conceito de escrevivência, com o objetivo de analisar e refletir a importância de literaturas negras de autoria feminina para o (des)silenciamento de vozes-mulheres, colocando-as como sujeito e objeto de suas narrativas. Recorremos a estudiosas dos temas em foco, a exemplo de Ana Cláudia Pacheco (2013), Bell Hooks (2010), Sueli Carneiro (2019), entre outras. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, abordando a representação da mulher negra na literatura brasileira até o surgimento da literatura negra de autoria feminina - como forma de identificação e valorização do eu feminino negro -, reconhecendo a importância de se ter literaturas que não as objetificam nem as silenciam, e refletindo sobre solidões que acometem mulheres negras. O estudo levou à conclusão de que Evaristo quebrou as máscaras do silêncio, que durante anos esteve presente, devido a uma sociedade falocêntrica branca. Por meio de sua escrevivência, Conceição Evaristo devolve, para as mulheres negras, suas vozes-potentes, deixando que elas contem suas próprias histórias.

Palavras-chave: Escrevivência. Solidão da mulher negra. Literatura feminina negra.

Abstract: This paper addresses the loneliness of black women and focuses on the affective-family relationships of the protagonist Natalina Soledad, in the short story of the same name, published in the book *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), by Conceição Evaristo, through the concept of survival writing, with the aim of analyzing and reflecting on the importance of black literature by female authorship for the (de)silencing of women's voices, placing them as subject and object of their narratives. We resorted to scholars of the themes in focus, such as Ana Cláudia Pacheco (2013), Bell Hooks (2010), Sueli Carneiro (2019), among others. This is bibliographic research of qualitative nature, we addressed the representation of black women in Brazilian literature until the emergence of black literature by women authors as a form of identification and appreciation of the black female self, recognizing the importance of having literature that does not objectify and silence them, and reflecting on loneliness that affects black women. The study led to the conclusion that Evaristo broke the masks of silence that for years were present due to a white phallogocentric society. Through her writing, Conceição Evaristo gives back to black women their powerful voices, letting them tell their own stories.

Keywords: Writing. Black woman's loneliness. Black female literature.

DOI: <http://dx.doi.org/10.24024/23585188v14n1a2021p1020116>

Introdução

A representação da figura feminina negra nas literaturas canônicas sempre esteve nas mãos da branquitude, vista como objeto de servidão para os que estavam no poder. As mulheres negras são colocadas em um lugar de inferioridade, tendo seus corpos objetificados e sexualizados, como um indivíduo que não é digno de afeto, pertencente à cama e à cozinha (FREYRE, 1933), sendo escrita sob o olhar do outro.

¹ Graduanda do Curso de Letras Português / Inglês da FAFIRE | E-mail: crislaynefrancasouza@gmail.com

² Mestre em Educação, Culturas e Identidades pela UFRPE | professora da FAFIRE | orientadora da pesquisa | E-mail: nelmaa@prof.fafire.br

Uma das grandes escritoras a quebrar as máscaras do silêncio foi Maria Firmina dos Reis (1822 – 1917). Sua primeira obra, *Úrsula* (1859), é uma crítica à escravidão, deixando que negros e negras contem suas próprias histórias. E mesmo o primeiro romance tendo sido escrito por uma mulher negra, na literatura, as mulheres negras chegam tardiamente, pois o imaginário que se tem da mulher negra é o de objetificação e marginalização.

A literatura afro-brasileira coloca a mulher negra como protagonista de sua narrativa. Uma escrita de muitas vozes ecoando de dentro para fora, repleta de memórias de um povo afrodiaspórico, com o direito de se autorrepresentar, de ter sua narrativa finalmente emancipada. Após um processo árduo de reivindicações contra o apagamento de suas memórias culturais e anos de silenciamento, escritoras negras buscam o reconhecimento merecido por suas obras carregadas de vivências. Em uma sociedade patriarcal, que prega uma superioridade branca, ter literaturas negras escritas por mulheres negras, ganhando visibilidade e reconhecimento, é o que, segundo Evaristo (2017), significa estilhaçar a máscara do silêncio.

Nessa esteira, Conceição Evaristo expõe uma escrita carregada de memória, ancestralidade e afeto, observando as solidões vivenciadas pelas mulheres em toda a sua trajetória, devido à negligência do sistema, perpassando até a velhice. Com suas obras, Conceição rompe com o estereótipo de mulher-corpo-objeto e retrata uma mulher-sujeito-negra, através de sua “escrevivência”, uma escrita que nasce de sua vivência como mulher negra.

Como hipótese, acreditamos que esse estudo possa contribuir com a ampliação do conhecimento dos corpos negros e suas vivências, buscando a valorização da subjetividade negra, conquistando o seu lugar de fala após anos de silenciamento.

Mediante essas considerações iniciais, nosso estudo buscou responder a seguinte questão: como a solidão e o preterimento estão presentes nas relações em que a mulher negra está inserida? Nessa perspectiva, o objetivo primordial é compreender a realidade da mulher negra em uma sociedade estruturalmente racista, misógina, machista e sexista, analisando as relações interpessoais, as solidões vivenciadas e os impactos dessa posição de preterimento.

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo, na qual analisamos a “escrevivência” retratada no conto *Natalina Soledad* (2011), de Conceição Evaristo, verificando como a narrativa exprime a solidão a que a mulher negra está submetida em seu âmbito familiar.

Percorremos autores que tratam temáticas como a literatura negra, a literatura feminina negra, a solidão da mulher negra e a intersecção de raça e gênero, além de estudos de Ana Cláudia Lemos Pacheco (2013), Sueli Carneiro (2019), Bell Hooks (2010), entre outras.

O artigo ficou organizado em três etapas. Na primeira etapa, apresentamos como as mulheres, ao longo dos anos, foram representadas nas literaturas canônicas, e como a literatura negra de autoria feminina surgiu trazendo nomes importantes para a literatura brasileira, como Conceição Evaristo, que traz consigo a sua escrevivência. Na segunda etapa, abordamos a solidão que persegue mulheres negras desde o período escravista, estando presente em todas suas relações interpessoais; e na terceira etapa, analisamos a solidão com recorte familiar, no conto *Natalina Soledad*, da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) da escritora Conceição Evaristo.

Literatura negra de autoria feminina no Brasil e a escrevivência de Conceição Evaristo

A personagem feminina afrodescendente sempre esteve presente no cânone brasileiro através do discurso falocêntrico de hegemonia branca. Esta representação se dá por meio da objetificação de seus corpos e do apagamento de suas culturas. Vinculadas ao passado escravo, a mulher negra tem sua imagem referenciada apenas como um corpo-objeto de servidão aos senhores. Na obra *Casa grande e senzala* (1933), o mito da democracia racial aparece de forma afável, reforçando a miscigenação e suavizando a violência e o estupro que acometeram as mulheres negras e indígenas, fato que fora duramente criticado por Lélia González (1984), ao expor os impactos da violência simbólica sobre a mulher negra.

Segundo Lélia Gonzalez (1979, p. 13), “A mulher negra é vista pelo restante da sociedade a partir de dois tipos de qualificação ‘profissional’: doméstica e mulata [...] tipo especial de ‘mercado de trabalho’ [...] produto de exportação”. A literatura brasileira é cercada por esses estereótipos, em que encontramos a escrava mulata sortuda, em *A escrava Isaura* (1875), de Bernardo Guimarães, ou a mulata sedutora de Aluísio de Azevedo, em *O cortiço* (1890), com Rita Baiana, em contraponto a Bertoleza, a escrava negra ingênua, submissa e animalizada; há também a mulata infantilizada e sexualizada do romance de Jorge Amado, *Gabriela, cravo e canela* (1958).

Segundo Cuti (2010), a literatura brasileira é abusivamente branca, com o propósito de invisibilizar e estereotipar a imagem da mulher negra. Consequentemente, literaturas com representação significativa para as mulheres negras tornaram-se escassas.

Com isso, tivemos a primeira mulher negra a escrever um romance abolicionista, Maria Firmina dos Reis (1822-1917). Sua obra *Úrsula* (1892) antecipa produções de poetas abolicionistas como Castro Alves, Joaquim de Manoel Macedo e Bernardo Guimarães. Firmina põe personagens silenciados como sujeitos protagonistas das suas próprias histórias, e não apenas como temática para o outro. E mesmo assim, e apesar de ter influenciado outras escritoras, quase não se ouve falar sobre sua escrita e a sua importância para a literatura brasileira.

De acordo com Evaristo (2005, p. 54): “se há uma literatura que nos inviabiliza ou nos ficcionaliza a partir de estereótipos vários, há um outro discurso literário que pretende rasurar modos consagrados de representação da mulher negra na literatura”. A partir da década de 70, destaca-se o Movimento Quilombhoje de São Paulo, fundado por Cuti, tendo como objetivo discutir e aprofundar a experiência afro-brasileira na literatura, com antologias publicadas nos *Cadernos Negros*, erguendo vozes negras.

Luiza Lobo (1989) acredita que a literatura afro-brasileira surge quando o negro passa de objeto a sujeito dessa literatura e cria a sua própria história. Desse modo, a partir de uma subjetividade vivenciada e experienciada, o sujeito negro passa a se autorrepresentar. Logo, uma literatura escrita de uma perspectiva feminina negra é uma literatura de (des)silenciamento, é narrativa exposta de amálgamas que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta (EVARISTO, 2009, p. 18).

Após Maria Firmina, outras escritoras negras assumiram sua voz-mulher, buscando o direito de representação e autorrepresentação, desassociando-se dos discursos hegemônicos que outrora as amordaçaram.

A literatura de autoria feminina negra carrega em suas obras a importância da voz-mulher, no que tange à luta pelo lugar de fala, no que concerne à conexão com o espiritual e o ancestral; é o sujeito que está abraçado ao coletivo de vozes-mulheres. Portanto, é importante enfatizar a necessidade que se faz de incluir as poéticas afro-femininas em um lugar de destaque literário, sendo essencial para compreender essas vozes-negras. Como constata Miriam Alves, “é de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. [...] Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe” (2011, p. 5).

Assim, a escritora contemporânea Maria da Conceição Evaristo de Brito tem a sua escrita desse lugar de alteridade. Estreou na literatura em 1990, quando publicou no número 13 dos *Cadernos negros*. É autora de *Ponciá Vicêncio* (2003), *Becos da memória* (2006), *Poemas de*

recordação e outros movimentos (2008), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), *Olhos D'água* (2014), e *Histórias de leves enganos e parecidozas* (2016).

A escrita de Conceição é marcada pelo protagonismo de negros e negras, abordando afetividade, relações familiares e questões sociais. A essência da sua narrativa é carregada de memória coletiva, ancestralidade e elementos afro-brasileiros. Em suas obras, as mulheres negras são marcadas por seus sentimentos, anseios, dores, sonhos, vitórias e derrotas; por suas lutas diárias de sobrevivência contra a pobreza, o machismo, a misoginia, o racismo e todo um sistema que as negligencia. É uma escrita marcada pela “escrevivência”, termo que a própria escritora define como uma narrativa que parte da sua experiência de mulher negra, mas não só dela, dos seus. As narrativas de Evaristo nascem a partir do espaço em que ela está inserida na sociedade brasileira: mulher, negra e periférica, e o que norteia as suas produções literárias é sua condição de mulher negra. É sobre um coletivo de vivências que pode ser ou não real, mas que pode se con(fundir) com a de si mesma, tecendo uma escrita que expressa toda uma subjetividade e amálgamas de um povo e transforma em poemas.

De acordo com o relato da autora, “[...] quando escrevo [...] não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência”, [...] vivi e vivo experiências que um corpo não negro e não mulher jamais experimenta” (EVARISTO, 2009, p. 18). Encontram-se dentro de seus textos suas experiências vivenciadas em uma sociedade marcada pelo racismo e pelo sexismo, que influíram e influem em sua subjetividade como mulher negra.

A literatura de autoria feminina negra, como voz de autorrepresentação, torna-se uma luta incessante contra o silenciamento, sendo de extrema importância o lugar de fala da autora nessa luta pela escrita feminina na literatura brasileira. Assim se expressa Evaristo: “Eu tenho dito muito que a gente sabe falar pelos orifícios da máscara e às vezes a gente fala com tanta potência que a máscara é estilhaçada. E eu acho que o estilhaçamento é o símbolo nosso, porque a nossa fala força a máscara” (CARTA CAPITAL, 2017).

Evaristo coloca em suas obras a população negra, principalmente a mulher negra em protagonismo; ela destaca essas personagens como sujeitos atuantes, trazendo à tona toda a sua africanidade. Segundo Oliveira (2014, p. 926); “Falar sobre a escrita de Conceição Evaristo é iniciar primeiramente uma fala sobre nossas origens identitárias enquanto nação”. A autora ainda afirma que “A literatura afrodescendente de Conceição Evaristo coloca em ênfase as gerações futuras de mulheres negras com uma consciência de si e autoconfiança de suas identidades históricas” (Idem, p. 930).

A voz autoral de Conceição Evaristo é carregada de etnicidade e ancestralidade; é uma literatura de memórias, histórias e narrações sobre identidades, femininos e feminismos negros (SANTIAGO, 2012). Com uma voz literária que expressa a subjetividade e alteridade de uma escritora negra, Conceição cria poéticas ligadas ao coletivo que se conectam com o sujeito-leitor-negro, sendo possível contemplar nas narrativas e nos poemas da autora uma identificação com os personagens e uma reafirmação da identidade negra, que trazem para os leitores um olhar inquietante e crítico, partindo das vivências retratadas em suas obras.

Embora tenha várias antologias e livros publicados e prêmios conquistados, Evaristo ainda é uma escritora pouco conhecida no meio literário e acadêmico. Em face de circunstâncias reveladas pelo machismo, sexismo e racismo, existe uma carência para as publicações de mulheres negras na literatura brasileira, visto que é um espaço majoritariamente do homem branco, em que as escritoras negras não dispõem da mesma visibilidade e reconhecimento.

A solidão tem pele preta

Falar de solidão é desmontar os sistemas de preferências, posto que as mulheres negras irrompem como corpos sexualizados e racializados não afetivos, uma situação que provém desde o período da colonização e perpassa até a atualidade.

Segundo Pacheco (2013, p. 230), “A preferência afetiva está regulada pelos distintivos raciais; a cor da pele, as características fenotípicas e estéticas (corporais)”. Tendo em vista esse conceito, pode-se dizer que existe um padrão aceito socialmente. Com isso, alguns grupos sociais acabam estando em posições privilegiadas em detrimento de outros. E no que se refere a grupo social hegemônico, esse lugar é da branquitude, não por direito, mas porque durante séculos designaram a negros e indígenas esse lugar de inferioridade e submissão, que é a marca da colonização forçada. Em um país cuja população é majoritariamente afrodescendente, o padrão que é intitulado como belo é o padrão europeu.

Com o recorte de raça e gênero associado à negação do corpo-mulher-negra e a negligência afetiva que entra em concordância com a abordagem psiquiátrica de Fanon (1983, p. 55-69), constata-se que a autoestima influencia as escolhas amorosas. Para esse autor, a ideologia do racismo provoca uma negação da identidade negra do homem negro, que rejeita a sua igual, mulher negra, e tem como desejo a mulher branca. Utilizando-se da metáfora do *fusca e do monza*, de Santos e Barbosa (1994), que se refere à negação da afetividade entre

afrocentrados³, mas enxerga o “outro” com ascensão social, é o caso do homem negro que troca a mulher negra pela mulher branca. Sueli Carneiro, em *Gênero, raça e ascensão social* (2019), elucida que a busca dos homens negros pelas relações inter-raciais como objeto de desejo é fachada, pois, o seu real objeto de desejo é igualar-se com o homem branco, seu ideal, o padrão a ser seguido. Dessa forma, o conceito de autoestima está associado aos efeitos que a ideologia racial provocaria no processo de aceitação de si mesmo e o preterimento da mulher negra.

As mulheres negras, no período pós-abolição, carregavam todos os anseios vivenciados no período escravocrata. Com o objetivo de a história não se repetir, repassavam para seus descendentes ensinamentos de força e sobrevivência. Em *Vivendo de Amor* (2010), Bell Hooks questiona onde está o amor quando uma mulher negra se olha e diz: “vejo uma pessoa [...] que não merece ser amada, porque nem eu gosto do que vejo”, tratando a questão do “amar aquilo que vemos”. Resultante de toda objetificação, preterimento e solidão, as mulheres negras sofrem com a baixa autoestima, a negação de seus corpos e seus traços, fatores que contribuem para a manifestação do auto-ódio.

As consequências dessa falta de amor, dessa solidão, não ficam restritas apenas a relações afetivo-sexuais; ela está principalmente arraigada no âmbito familiar. A centralidade e o papel de prover não seguem o modelo patriarcal, sendo a mulher quem exerce esse papel central, às vezes, assumindo duplas e triplas jornadas para garantir a sobrevivência dos seus. Fortes e solitárias, mães solas, em seus lares, o eixo central, sem casamento, às vezes por escolha própria, dificuldade social ou preterimento do companheiro, não vivenciaram uma condição de acesso social ou estabilidade amorosa (ALVES, 2011). O mito da mulher negra forte, guerreira que suporta tudo é visto pelas lentes da raça. É o que ressalta Carla Akotirene, no seu livro *Interseccionalidade* (2020): o reconhecimento é tardio, sobretudo no profissional. A herança escravista permanece latente. Para algumas mulheres são destinadas as funções subalternas, trabalhos informais, baixos salários e direitos trabalhistas negados. Essas mulheres, provedoras de suas famílias, investem na educação dos seus filhos para alcançarem ascensão social.

De acordo com Neusa Santos Sousa (1983, p. 7-8), “Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade [...], mas é também, e, sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades”; ou seja, a autora salienta que reconhecer-se como negra é resgatar a ancestralidade, retomar o que foi tirado com o embranquecimento forçado da população negra. Para Bell Hooks (2010, p. 190): “A

³ Aquilo que é centrado no negro, no afrodescendente; que tem a pessoa negra como sujeito principal.

escravidão criou no povo negro uma noção de intimidade ligada ao sentido prático de sua realidade. Um escravo que não fosse capaz de reprimir ou conter suas emoções, talvez não conseguisse sobreviver”. Isso resulta numa estratégia de sobrevivência da população negra adquirida no período escravista, que continuou, mesmo depois da abolição, já que ainda se perpetua o racismo e a supremacia branca.

Ao refletirmos sobre a solidão da mulher negra, identificamos o processo de racialização e, ao mesmo tempo, a intersecção entre raça e gênero na sociedade. Logo, esses fatores acarretam a solidão da mulher negra. Bell Hooks (2010, p. 188) afirma que "muitas mulheres negras sentem que em suas vidas existe pouco ou nenhum amor". Partindo desta afirmação, entende-se que a mulher negra está em uma situação de inferioridade. Quando Hooks alega esse trecho, revela que uma parcela de mulheres carece de afeto devido a um sistema que as oprime. Em decorrência desse preterimento, criam-se, assim, as circunstâncias perfeitas para a solidão da mulher negra.

Resultantes da opressão, exploração e dominação, e para que haja uma reparação, é necessário falar. Bell Hooks, em *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra* (2019), acredita ser indispensável falar sobre as amarguras para curar as feridas causadas pela dominação e exploração, sendo imprescindível, principalmente, para a recuperação e a conscientização.

É a partir dessa solidão e da importância de se curar dores inteligíveis que se abre mão do conceito amplo da “sororidade” e utiliza-se “dororidade”, ocorrendo conexão entre mulheres negras. Segundo Carla Akotirene (2018, p. 45), “[...] a sororidade dá a falsa impressão de existir empatia e homogeneidade de posicionamento”. Já a dororidade, na contramão do feminismo branco hegemônico, “[...] contém as sombras, o vazio, a ausência, a fala silenciada, a dor causada pelo racismo” (PIEDADE, 2018, p. 16).

Não se pode falar sobre “dororidade” sem tratar da “escuta”, que é de extrema importância para essa conexão. Collins (2019) discute essa relação de escuta entre mulheres negras, afirmando que: “O fato de que as mulheres negras sejam as únicas a ouvirem realmente umas às outras é signficante, particularmente dada a importância da voz na vida das mulheres negras” (COLLINS, 2019, p. 189), pois, rompe-se com a invisibilidade perpetuada com a objetificação.

Portanto, falar sobre afeto para a mulher negra é um modo de (re)construir uma autoestima que por muitos anos não andava de mãos dadas com o sujeito-mulher. É

fundamental a fala das subjetividades, tendo suas histórias e desejos contado pelas suas próprias vozes; é o processo do (des)silenciamento, derrubando o desprezo e a inferiorização, que têm como objetivo o apagamento do sujeito-mulher-negra. O responsável por esse apagamento e silenciamento vem da branquitude racista, sexista e misógina, que alimenta o preterimento da mulher negra e não se reconhece como causadora dessa violência, tendo a ideia de que todas partem em pé de igualdade na obtenção à fala, à escuta e ao amor.

Memória e violência: a insubmissão de *Natalina Soledad*

Neste item, realizamos uma análise do conto *Natalina Soledad*, da obra *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016), da escritora contemporânea Conceição Evaristo, com o recorte para a solidão da mulher negra no âmbito familiar.

Em uma espécie de prefácio, Evaristo traz uma interlocução com o leitor de como as histórias compartilhadas se fundem entre si e com as que lhe pertencem. “Invento? Sim invento, sem o menor pudor. [...] Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta” (EVARISTO, 2016, p. 09).

A obra carrega significação, ao retratar histórias de mulheres negras, através de uma narradora ouvinte, que executa o ato da escuta: “[...] afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência” (EVARISTO, 2016, p. 09), a importância desse lugar de fala para as mulheres que permitiram que suas histórias fossem narradas, libertando-as de anos de silenciamento e fazendo-as, de fato, ouvidas sem julgamentos.

A história de *Natalina Soledad* é carregada de memórias profundas e dolorosas de violência e opressão. Contudo, não é mais uma história de uma mulher negra apenas retratando o sofrimento sem êxito. *Natalina Soledad* ressignificou sua jornada e alcançou o seu final feliz. E, assim, ela “começou a narração de sua história, para quem quisesse escutá-la.” (EVARISTO, 2016, p. 19), contando como se automeceu.

De acordo com o francês Henri Bergson, no livro *Memória e vida* (2006, p. 47), “[...] o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. [...] ele nos segue a todo instante”. Dito isto, compreende-se que a memória sempre estará presente na existência do indivíduo, e, ao tratar da escrevivência, Evaristo passeia na memória da mulher negra, rompendo com esse silêncio, já que o direito a contar suas histórias, suas memórias e vivências foi negado por muito tempo ao negro.

É com urgências que vozes-mulheres serão protagonistas em suas narrativas, falando de suas vivências, tomando para si o lugar de sujeito que sempre lhes pertenceu. E, assim, Natalina Soledad, a mulher que se autoneomeou, traça o caminho da memória.

Rejeitada logo após o nascimento e nomeada pelos pais como Troçoleia Malvina Silveira, em castigo por ser mulher, a personagem é referida como “um troço menino, que vinha ser sua filha” (EVARISTO, 2016, p. 20). Decepcionado, o pai, Arlindo Silveira Neto, culpa sua mulher por tal traição, já que, “[...] de sua rija semente jamais brotaria uma coisa menina” (*Idem*, p. 20), visto que a trajetória dos homens de sua família é conceber filhos machos. Como punição, ele recusa a tocar o seu corpo: “[...] tomou nojo do corpo desobediente [...] do corpo traidor” (*Idem*, p. 20). Triste com a decisão do esposo, a mãe, Maria Anita Silveira, negligencia afeto e cuidados para com a sua filha, de forma proposital, aceitando o nome-agressão que o marido pusera na menina.

Renegada no seio familiar, a menina crescia “a contragosto dos pais” (EVARISTO, 2016, p. 21), e ficava cada vez mais parecida com o pai. Na escola, também foi recebida com violência, e dentro de casa andava de olhos fechados, pois não suportava vê-los. No decorrer de sua vida, as pessoas tentavam “amenizar” o nome, chamando-a de Silveirinha, mas a menina recusava e atendia apenas por seu nome completo, como ato de resistência.

Natalina sobreviveu à solidão, ao desprezo e à opressão; vivenciou o afeto apenas das mulheres que trabalhavam na casa. Ainda assim, “continuou acomodada em sua solidão” (EVARISTO, 2016, p. 23). Solidão essa que é mencionada no conto como “[...] solidão de gente grande que ela experimentava desde pequenina, desde sempre” (*Idem*, p. 23). Entretanto, carregava consigo um desejo: “[...] inventar para si outro nome. E, para criar outro nome, para se rebatizar, antes era preciso esgotar, acabar, triturar, esfarinhar aquele que havia lhe imposto” (EVARISTO, 2016, p. 23-24).

Em *Vivendo de amor* (2010), Bell Hooks trata a importância do amor no seio familiar e como esse afeto é importante para o desenvolvimento do indivíduo e sua forma de se relacionar com o outro. Para Natalina, esse afeto lhe foi negado desde o nascimento, comparada a um troço, odiada e negligenciada pelos pais.

Ao refletir sobre a violência que a protagonista vivenciou, compactuamos com o que Lélia Gonzalez (1979) expõe como violência simbólica e os impactos causados na vida das mulheres negras, que dialoga com o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2015), que conceitua os tipos de violência constituintes da sociedade: a violência subjetiva, objetiva e a sistêmica.

No recorte da violência vivenciada por Natalina, desprezada por ter nascido mulher e castigada ao ser nomeada, pensando na relação das violências, segundo Žižek (2015, p. 18), identificamos a violência objetiva, que é invisível porque está sustentada em uma “[...] normalidade do nível zero contra a qual percebemos algo como subjetivamente violento”; uma violência escondida, quase invisível, que se manifesta em atitudes racistas, machistas e sexistas. Dentre outras formas de opressão que são naturalizadas na sociedade brasileira, percebemos, também, a relação com a violência sistêmica, “[...] efeitos catastróficos dos sistemas políticos e econômicos que se fundamentam na injustiça e nas desigualdades perfeitamente visíveis na sociedade brasileira” (p. 18).

Ao pensarmos estrutura familiar como estrutura sistêmica, com relações de dominação que se sustentam em uma sociedade patriarcal, na qual os homens da família dominam as mulheres, oprimindo-as, é possível traçar um paralelo com a vida de Natalina e o convívio com seu pai. Arlindo, em seu ambiente familiar, procurava dominar sua filha e sua mulher. Há evidência da misoginia, quando o pai nomeia sua filha de Troçoieia, apenas por ter nascido mulher, assim como ao desprezar o corpo de sua esposa, Maria, depositando nela a culpa do nascimento da “coisa menina, mal-vinda ao seio familiar” (EVARISTO, 2016, p. 21). Com o desafeto que todos os seus familiares nutrem pela protagonista, percebemos como a violência objetiva esteve presente nessa relação que perpassa todo o enredo do conto.

A protagonista tornou-se refém da misoginia do pai, vivenciando o desafeto da mãe e o desamor mútuo dos seus, fato que permaneceu até as gerações futuras. Acostumada à solidão e à falta de afetividade, seguiu assim, sem importância na forma como se relacionava a dois. Hooks (2010, p. 198) salienta que “muitos negros, e especialmente as mulheres negras, se acostumaram a não ser amados e a se proteger da dor que isso causa”. E é exatamente isso que Natalina fez: negou-se a vivenciar relações afetivas-profundas, pois, se não possuía relevância, como poderia dar afeto a outro indivíduo, se isso lhe foi negado por toda a vida? Em decorrência de toda violência, sua única aspiração era se “[...] rebatizar [...] autonomear.” (EVARISTO, 2016, p. 24).

No que ansiava a sua autonomação, Natalina pacientemente esperou, engolindo aquele nome-agressão sendo proferido durante trinta anos, até que ele fosse demolido e não tivesse mais poder sobre ela. Ao se autonomear, Natalina rompe com toda a violência que aquele nome-ofensa lhe causara, ao desamarrar as correntes do nome e sobrenome que lhe determinaram como forma de punição, retirando-se do lugar de objeto e tornando-se sujeito de

sua própria história. O ato de autonomear, para Natalina, torna-se resistência, emancipação; é o que Alain Touraine (2006, p. 123, *apud* LACERDA; VERONESE, 2011, p. 422) alega ao estabelecer que “tornamos plenamente sujeitos quando aceitamos como nosso ideal reconhecer-nos e fazer-nos reconhecer enquanto indivíduos [...] e dando, através de nossos atos de resistência um sentido a nossa existência”. Essa é a condição de sujeito que a protagonista se coloca ao se tornar dona de sua própria narrativa.

Posto isto, ao final, Natalina escolhe se libertar do nome que lhe foi imposto, apenas quando seus pais morrem: “rumou ao cartório para se despír do nome e da condição antiga [...] E, sonoramente, [...] ela respondeu feliz e com veemência na voz e no gesto: Natalina Soledad” (EVARISTO, 2016, p. 25).

A pesquisadora Zilá Bernd, em *Introdução à literatura negra* (1988), aborda o ato de autonomear como tornar-se proprietário, tomar posse daquilo que se nomeia. Logo, quando transportada para a vivência de Natalina, a autonegação se constitui como a sua emancipação da misoginia experienciada na instituição familiar patriarcal.

Natalina Soledad, a mulher que escolhera seu próprio nome, é uma narrativa carregada de solidão, ressignificação e insubmissão. É o caminho percorrido pela dor e a recusa de permanecer nesse lugar; é a destruição de um sistema opressor, machista e sexista. Hooks (2010) discorre que amar aquilo que vemos é como uma prática de conhecer nosso interior e se afirmar. Quando Natalina se autonega, ela se dá o amor que lhe fora negado, o amor-interior. E ali, naquele cartório, ela nasceu, porém, dessa vez dona de si, sujeito e objeto de sua narrativa. Natalina Soledad significa “nascida sozinha”, e a solidão foi tudo o que teve, foi a única que não lhe abandonou.

Considerações finais

O presente artigo teve a pretensão de contribuir para o entendimento da insurgência necessária de mulheres negras combatendo um sistema que as silencia, objetifica e oprime, permitindo revisitar como a literatura negra, de autoria feminina, emergiu e ganhou destaque, sendo reconhecida como voz potente. Através dele, procuramos refletir sobre a *escrevivência* de Conceição Evaristo, presente em suas obras, retratando as solidões vivenciadas por mulheres negras-protagonistas, assim como examinado no conto *Natalina Soledad*, tornando-se possível inferir memória, violência, solidão, pretérito e misoginia.

A autora, com sua literatura de dentro pra fora, agracia os leitores com personagens como Natalina, mostrando como suas escrevivências são um modo de confrontar e libertar vozes que foram emudecidas, e com isso trazer consciência ao coletivo. A escrita de Conceição é urgente e de extrema importância na literatura afro-brasileira.

O reconhecimento de Conceição Evaristo é para além do individual, alcança um coletivo de vozes-mulheres-negras, ao reconhecer quão significativo é que tenhamos obras escritas por mulheres negras que dão voz àquelas que tiveram suas vozes silenciadas pelas máscaras, pelos chicotes e pelas mãos de seus abusadores. Dessa forma, quando legitimamos essa escrita, abrimos espaço para outras mulheres reivindicarem seus lugares na literatura brasileira e na sociedade.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Editora Jandaia, 2020.
- ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, São Paulo, v. 1, n. 3. 2011.
- BERGSON, Henri. **Memória e vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CARNEIRO, Sueli. Gênero e raça na sociedade brasileira. *In*: **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros. 2019.
- COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileiro**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira. **Revista Palmares**, Brasília, DF, v. 1, n. 1, 2005.
- EVARISTO, Conceição. Escrevivência. **Itaú cultural**, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em: 09 jun. 2021.
- EVARISTO, Conceição. Dados bibliográficos. Faculdade de Letras da UFMG. **Literafro**, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 05 maio 2021.

- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2009.
- EVARISTO, Conceição. Natalina Soledad. *In: Insubmissas lágrimas de mulheres*. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, p. 19-25, 2016.
- EVARISTO, Conceição. Nossa fala estilhaça a máscara do silêncio. **Carta Capital**, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/conceicao-evaristo-201cnossa-fala-estilhaca-a-mascara-do-silencio201d/>. Acesso em: 18 abr. 2021.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução Maria Adriana da Silva Caldas. Salvador: Fator, 1983.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- GONZÁLEZ, Lélia. **O papel da mulher negra na sociedade brasileira**: uma abordagem político-econômica. Los Angeles: Mimeografado, 1979.
- GONZÁLEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira *In: Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, Brasília, p. 223-244, 1984.
- HOOKS, Bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- HOOKS, Bell. Vivendo de amor. **Portal Geledés**, São Paulo, v. 2, p. 188-198, 2010.
- LACERDA, Luiz Felipe Barboza; VERONESE, Marília Veríssimo. O sujeito e o indivíduo na perspectiva de Alan Touraine. **Sociedade e Cultura**, São Paulo, v. 14, p. 419-426, 2011.
- LOBO, Luiza. A pioneira maranhense Maria Firmina dos Reis. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, n. 16, p. 91-102, 1989.
- OLIVEIRA, Ana Ximenes Gomes de. Conceição Evaristo e o cânone no Brasil. **II CONALI Congresso Nacional de Literatura**, João Pessoa, PB, p. 924-934, 2014.
- PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. Salvador: EDUFBA, 2013. (Coleção Temas Afro).
- PIEDADE, Vilma; TIBURI, Marcia. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2018.
- SANTIAGO, Ana Rita. **Vozes literárias de escritoras negras**. Cruz das Almas: UFRB, 2012.
- SANTOS, Joel Rufino dos; BARBOSA, Wilson do Nascimento. **Atrás do muro da noite**: dinâmica das culturas afro-brasileiras. Brasília, DF: Ministério da Cultura, Fundação Cultural Palmares, 1994.
- SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**: seis reflexões laterais. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

Recebido em: 20.07.2021

Aprovado em: 23.08.2021

Para referenciar este texto:

SOUZA, Crislayne de França; AZEVÊDO, Nelma Menezes Soares de. Escrevivência: o retrato da solidão da mulher negra em *Natalina Soledad*, de Conceição Evaristo **Revista FAFIRE**, Recife, v. 14, n. 1, p. 102-116, jan./jun. 2021.